



### **Eixo Temático**

5. Administração das Escolas no Campo

### **Título**

## **POLÍTICA DO CONHECIMENTO OFICIAL: O SABER HEGEMÔNICO E O SABER POPULAR EM ESCOLAS RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA AMAPAENSE**

### **Autor(es)**

Edielso Manoel Mendes de Almeida  
Tatiane Nunes Valente

### **Instituição**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

### **E-mail**

[edielsoalmeida@bol.com.br](mailto:edielsoalmeida@bol.com.br)  
[tatianetvalente@gmail.com](mailto:tatianetvalente@gmail.com)

### **Palavras-chave**

Ribeirinhos; Amazônia; Saber Popular e Saber Hegemônico.

### **Resumo**

Este estudo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada na vila ribeirinha do Acaizal, localizada no município de Macapá, estado do Amapá, e teve como objetivo analisar os elementos simbólicos que caracterizam a cultura e a identidade dos ribeirinhos que residem na referida vila. O aporte teórico para a discussão dos dados está balizado em autores que discutem o tema cultura e identidade a partir de concepções contra hegemônicas, tais como Santos (2004, 2010), Mignolo (2004), Quijano (2009), Brandão (2007), Tavares (2014) dentre outros autores que discutem a temática a partir de um prisma não eurocêntrico. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com doze moradores, sendo, uma benzendeira, quatro fundadores da vila, três idosos e quatro alunos do ensino fundamental, que são identificados no texto por letras e números. Para a compreensão e interpretação dos dados fizemos uso de uma técnica denominada análise de conteúdo. A pesquisa evidenciou que a cultura e identidade são marcadas pela produção e reprodução dos elementos simbólicos que fazem parte do contexto social, cultural, religioso e econômico dos ribeirinhos da vila do Acaizal.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



## Texto Completo

Este artigo consiste em uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada na vila ribeirinha do Acaizal<sup>1</sup>, localizada no município de Macapá, estado do Amapá, e teve como objeto de estudo os elementos simbólicos que caracterizam a cultura e identidade dos seus moradores. Sabe-se que as culturas são híbridas, fruto do contato e trocas com outras culturas, mas há traços culturais que resistem as influências externas e desta forma, constituem a identidade de um povo, principalmente as suas manifestações simbólicas que estão presentes no meio social, que torna o ribeirinho um sujeito com traços identitários próprios. Na Vila moram noventa e seis pessoas oriundas da ilha do Marajó, no estado do Pará, é a maior ilha do Brasil e também a maior fluviomarítima do mundo. As atividades produtivas na vila são: a caça, pesca do peixe e do camarão e o extrativismo do açaí. A base econômica é a venda do açaí para os municípios de Macapá e Santana.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com doze moradores, sendo, uma benzendeira, quatro fundadores da vila, três idosos e quatro alunos do ensino fundamental, sendo duas crianças e dois adolescentes, que serão identificados no texto por letras e números. Entendemos como entrevista semiestruturada, aquela em que existe um direcionamento das perguntas por meio de um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas, o qual permite uma interação social entre os sujeitos, já que sua organização é flexível e há a possibilidade de ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado. (BELEI et. al., 2008)

Para a compreensão e interpretação dos dados fizemos uso de uma técnica denominada análise de conteúdo, que segundo Bardin (2010, p. 20) “tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Utilizamos pseudônimos para garantir o anonimato dos entrevistados.

O aporte teórico para a discussão dos dados está balizado em autores que discutem o tema cultura e identidade a partir de concepções contra hegemônicas, tais como Santos (2004, 2010), Mignolo (2004), Quijano (2009), Brandão (2007), Tavares

<sup>1</sup> Nome fictício para preservar o anonimato da vila.



(2014) dentre outros autores que discutem a temática a partir de um prisma não eurocêntrico.

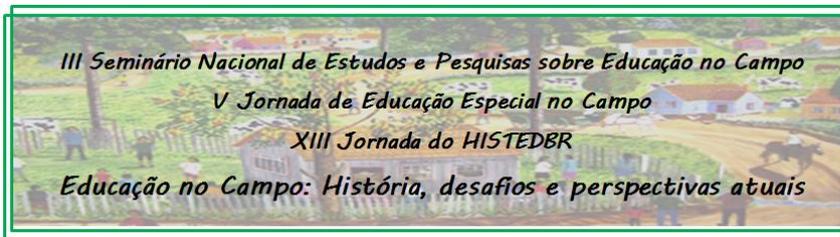
O texto está organizado em três seções. Na primeira, discutimos o rio como um dos elementos da identidade ribeirinha, bem como sua importância e significado para a vida desses sujeitos. Na segunda, realizamos um mergulho nos elementos simbólicos que fazem parte da identidade ribeirinha, falamos sobre a identidade no sentido transindividual, com o olhar para o grupo, a coletividade. Concluímos atracando o barco provisoriamente, evidenciando como resultados que a cultura e identidade são marcadas pela produção e reprodução dos elementos simbólicos que fazem parte do contexto social, cultural, religioso e econômico dos ribeirinhos da vila do Açaizal, esses elementos são apreendidos e transmitidos por meio da linguagem oral, não existe um espaço, tempo, nem local específico para aprendizagem, os educadores são os mais velhos que ensinam as crianças e os jovens.

### Os Ribeirinhos da Vila do Açaizal

Esse rio é minha rua<sup>2</sup>  
Minha e tua Mururé  
Piso no peito da lua  
Deito no chão da maré  
Pois é, pois é, eu não sou  
De igarapé, quem montou na  
Cobra grande  
Não se escanCHA em poraquê  
Rio abaixo, rio acima  
Minha sina cana é  
Só de pensar na "mardita"  
Me "alembrei" de Abaeté  
Me "arresponde" boto preto  
Quem te deu esse piché  
Foi limo de maresia  
Ou inhaca de mulher?

A música "Esse rio é minha rua" retrata a importância e o significado que o rio tem para o ribeirinho; suas águas fazem parte da paisagem natural, geram e mantêm

<sup>2</sup> Esse rio é minha rua, música composta por Paulo André e Rui Barata. Acesso ao clip <<http://www.youtube.com/watch?v=x39bAav2lno>>. Em: 31/10/2014.



vidas em um ecossistema infinito, com espécies ainda não estudadas pelo ser humano e que caracteriza a paisagem Amazônica. O rio é a rua na qual o ribeirinho rema o casco<sup>3</sup>, navega com o barco, catraio<sup>4</sup> e rabeta<sup>5</sup> rumo a cidade, ao trabalho, casa de amigos ou parentes. Além da água para o consumo, o rio é também fonte de alimentos, nele são pescados várias espécies de peixes e mariscos, principalmente o camarão e a lagosta. A lavagem de roupas, assim como o banho, a venda e negociação do açaí, peixe, camarão e caças são feitos na beira do rio. O rio significa a vida, mas também é fonte de doenças.

Tem muita gente adoecendo aqui na vila, com diarreia, vomito, e verme. Acho que é da água que não é tratada, e algumas pessoas jogam lixo e animal morto no rio, isso tudo além das privadas que ficam a flor da terra, ai quando a maré enche, invade o quintal e leva as fezes. (M. 1)

A ação do homem sobre a natureza interfere na qualidade de vida de quem depende das águas dos rios, lagos e igarapés. A poluição das águas traz as doenças, daí a necessidade de atuação do poder público com políticas que garantam o acesso a saúde e educação das populações ribeirinhas, assim como a conscientização dos moradores para a preservação ambiental.

As marés definem a colheita do açaí, a armação e despescagem<sup>6</sup> do matapi<sup>7</sup> e da malhadeira<sup>8</sup> e a viagem para a cidade. O sucesso na colheita do açaí também depende da maré, que poderá ajudar ou impossibilitar que o ribeirinho adentre os açazais para colhê-lo.

Para apanhar açaí depende da maré, se ela tiver seca não tem como chegar lá para cima, tem que esperar ela encher, tem vezes também que, quando amanhece, ela está lançante, ela corre muito, aí não dá para o cara descer de casco, é muito ruim para ir, devido à correnteza, além de ficar cheio, os baixos, a água invade o açazal e aí não dá para desbulhar o açaí, tem que achar um toco de pau para fazer isso. (M. 6).

<sup>3</sup> Pequeno barco feito de madeira que o ribeirinho utiliza para se deslocar nos rios, lagos, igarapés, furos e regos, o casco é movido manualmente com o remo.

<sup>4</sup> Barco pequeno maior que o casco, movido a motor e coberto.

<sup>5</sup> Casco movido a motor.

<sup>6</sup> Retirar o camarão do matapi.

<sup>7</sup> Instrumento feito de talas utilizado para pegar o camarão.

<sup>8</sup> Instrumento feito de fios de nylon utilizado para pegar peixes.



Para Fares (2003, p. 35), as populações ribeirinhas são escravas do rio, pois “o rio alimenta, transporta, enriquece, protege o homem: toda população ribeirinha vive do e no rio, submissa e dócil aos seus caprichos”. Corroborando este ponto de vista, Gallo (1980, p. 61) afirma que as águas impõem suas vontades:

É um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total.

Mas, apesar da ditadura das águas, os ribeirinhos criam e recriam meios para sobreviver nas Amazônias<sup>9</sup>. Entre esses meios estão as ferramentas que são os símbolos de sua identidade cultural, usadas para pescar, caçar, apanhar açaí, navegar pelos rios, lagos, furos e igarapés e também para se abrigar do sol e da chuva.

No rio também vivem os seres sobrenaturais e encantados que permeiam o imaginário ribeirinho influenciando-o na maneira de ver, pensar e agir sobre o mundo. “Não vou tomar banho, nem pegar água a boca da noite, já pensou se a Iara me flecha? Fico doente, aí não tem jeito, só cura quando a tia Bené benzer”. (M.3).

A dona Benedita, mas conhecida por tia Bené, é a benzedeira da vila, ela cura panemeira<sup>10</sup>, mal olhado<sup>11</sup>, quebranto, flechada de bicho, espanto, encantamento e demais males causados pelos encantados que fazem parte do repertório cultural ribeirinho. Segundo Laraia (2009) a cultura também é capaz de provocar cura de doenças reais e imaginárias, estas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio e no poder dos agentes culturais.

As mulheres, quando estão menstruadas, não devem tomar banho nem pegar água no rio, pois isto atrai o Boto, assim como idosos, adultos, jovens e crianças não tomam banho no rio ou cortam lenha no mato após as dezoito horas. Os seres míticos não gostam de ser incomodados e pune quem transgrede o seu sossego. A punição se

<sup>9</sup> A pluralidade é a principal característica desta região. A diversidade e a complexidade do seu território são tão vastas que, para falarmos sobre ela, é preciso estar no seu interior para identificar qual é a Amazônia a que estamos nos referindo.

<sup>10</sup> Não ter sorte.

<sup>11</sup> O mal olhado, flechada de bicho, espanto, quebranto e encantamento são doenças causadas por seres encantados do rio e da mata.



reflete em doenças que acometem principalmente crianças e adolescentes. Segundo Fares (2004, p. 92):

O tempo da epifania, quase sempre é noturno, a partir das cinco horas da tarde, e o inverno é a estação preferida, porque escurece mais cedo. Os comunitários respeitam essas leis, pois têm medo dos castigos, e uma das formas de se proteger do infortúnio é ficar em casa.

A casa é o espaço de descanso após o dia de trabalho, seja na mata ou no rio, e é também local de proteção contra os males causados pelos seres sobrenaturais.

Após as seis horas da tarde, é hora de descansar em casa, da lida do dia, às vezes a gente vai à casa do vizinho ouvir as novidades da cidade ou colocar a conversa em dia, como aqui na comunidade todo mundo é parente, de vez em quando a gente vai à noitinha visitar, mas sempre acompanhado, ninguém tem coragem de ir sozinho, com medo de visagem. (M. 4)

Aqui em casa, pegar água e tomar banho no rio vai até as seis horas da tarde, depois quem quiser tomar banho vai ter que se virar, pedir permissão para a mãe d'água. Sei que aqui dentro de casa ela não vem nos fazer mal, mas se não pedir permissão para ela, tu podes ficar panema e não pegar mais peixe e camarão. (M. 6)

Ficar panema significa não ter sorte. A pessoa panema não pega nada, tanto no rio como na mata. E aí só tem um jeito: procurar a benzedeira, para se curar da panemeira.

Já curei muita gente da panemeira, o caboclo panema não pega nada, não pega peixe, camarão, quando vai caçar não mata nada, os bichos não aparecem para ele, e aí tem que se tratar direitinho pra poder ficar curado. (M. 8)

A matéria-prima para fazer o que foi receitado pela benzedeira, é retirada da mata e/ou dos rios. Segundo Oliveira (2007, p. 42), o mito tem uma importância significativa para o ribeirinho no que tange ao trato e às relações com a natureza, chegando a ter uma dimensão educacional.

A dimensão educativa do mito está presente, também, em seu poder de orientar a prática social das populações rurais. Nas comunidades ribeirinhas [...] o meio ambiente incorpora um simbolismo expresso na

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



existência de entidades ou encantados protetores da floresta e das águas. Ensina-se desde a tenra idade que se deve respeitar a natureza, cuidá-la para que sejam preservados os recursos naturais e também para não despertar a ira dos encantados.

As histórias contadas pelos mais velhos são transmitidas para as novas gerações através da cultura de conversa; desta forma, preservam-se as tradições, os costumes e os valores. Segundo Loureiro (2001, p. 38), os mitos, para o homem amazônico, servem para explicar o mundo em que vivem; “nesse contexto, isto é, no âmbito de uma cultura dissonante dos cânones urbanos, o homem amazônico, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos”.

As narrativas míticas, contadas pelos moradores, envolvem os seres sobrenaturais que habitam os rios e a mata. Para Fares (2004, p. 86) as narrativas amazônicas “implicam nas histórias de vida dos moradores, sendo assim, não se pode atribuir o caráter ficcional a elas, mas compreendê-las como uma construção em que os saberes simbólicos e imaginários misturam-se e sobrepõem-se.”

O rio também dita o tempo para a pesca, viagens, atividades produtivas, lazer de crianças, jovens, adultos e idosos. O tempo para os ribeirinhos do Açaizal, não está ligado a produção, mas sim, a sua subsistência, quando saem para pescar ou caçar, pegam o suficiente para o sustento da família. O excedente é dividido com os vizinhos. O único produto comercializado na vila é o açaí, que é vendido para os atravessadores, o produto tem em abundância o ano inteiro, porque além dos açaizais naturais, existem os plantados e manejados. O restante do tempo, é dedicado ao descanso, preparação de festas de santo e atividades comunitárias. Devido o tempo não estar ligado a produção para capital, o ribeirinho é tachado de preguiçoso, esta é uma visão etnocêntrica, pois de acordo com Tavares (2014, p. 173):

Tradicionalmente, a noção de cultura está associada a um saber institucionalizado no Ocidente, a um repositório axiológico, estético e cognitivo que foi produzido pela humanidade e que se autodefine como universal.

A diversidade que inclui maneiras distintas de ser e conceber o tempo, quando diferem da cultura hegemônica, são consideradas inferiores, ignorantes e improdutivas.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Esses discursos visam desvalorizá-las e não reconhecê-las, motivo pelo qual o ribeirinho é visto como atrasado e não civilizado. É um discurso ideológico que parte do princípio de que só existe uma forma de organização do tempo que é a linear, ligada a produção para o mercado, o que gera a incapacidade de conceber outras culturas que se organizam a partir de distintas visões temporais. Isso denota que existe uma “matriz colonial de poder” (MIGNOLO, 2000, p. 8) que norteia as relações entre a cultura ocidental e as demais culturas.

Os modos diferentes de vida comunitária, na qual as comunidades ribeirinhas se organizam e se relacionam entre si, tendo a troca e a solidariedade como fundamento; o relacionamento e interação com a natureza, baseada na conservação e preservação dos recursos naturais o que se evidencia na organização da vida econômica baseada no extrativismo; os conhecimentos da floresta e dos rios, das curas para as doenças causadas pelos seres encantados, dentre outros, fazem parte do que Santos (2010) chama de Epistemologias do Sul, que consistem em;

Toda diversidade epistemológica do mundo, como expressão da riqueza presente na diversidade cultural que foi excluída, silenciada e em grande parte destruída pelas diferentes formas de capitalismo, na sua também diferente relação colonial com o mundo.

Os discursos coloniais que silenciam, excluem, negam toda a diversidade cultural, necessita urgentemente ser combatido por práticas e ações que possam desconstruí-los e substituí-los pelas visões dos colonizados. Tudo isso requer um processo de descolonização das mentes (MIGNOLO, 2000). Para que possamos pensar de maneira diferente, como afirma Estermann (2013), é necessário, em primeiro lugar, desaprender para voltar a aprender numa sociedade descolonizada.

De acordo com Santos (2010) só existe as epistemologias do Sul porque há a do Norte que sempre foi hegemônica e se impôs historicamente no mundo. O Sul ao qual o autor se refere diz respeito “aos países e regiões que foram submetidos ao colonialismo europeu [...]” (p. 13). É o sul anti-imperial, anti-patriarcal, anti-colonial, é esse sul que se transforma numa experiência fundadora de uma proposta mitológica, que



obviamente, se, parte do sofrimento, só tem um objetivo que é atacar as causas desse sofrimento.

O sofrimento está ligado a dominação econômica, religiosa, ideológica, política e cultural, que caracterizou e caracteriza o processo de colonização. Além do controle e repressão pelo colonizador das formas de conhecimento, do universo simbólico, e dos padrões de expressão e objetivação das subjetividades dos colonizados. (QUIJANO, 2009).

Todo esse processo levou a imposição de conhecimento, concepção de tempo, arte, religião, cultura dentre outros como a única forma e o único caminho de interpretação, compreensão e explicação do mundo. Essa colonialidade do poder, balizado pelo eurocentrismo, que para Quijano (2009, p. 279) “É uma racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, tanto na Europa como no resto do mundo.” Trouxe em seu bojo, um rastro de exclusão e negação de outras culturas.

Assim, visões de mundo eurocêntricas consideram os ribeirinhos preguiçosos, que não se dedicam a produção comercial, se contentam com o pouco que possuem, não tendo assim ambição pelo consumismo. Essas visões desconsideram a cultura desses sujeitos e os analisa a partir das lentes do capital, que parte do princípio de que quem não produz e consome não existe, não tem lugar neste mundo. Contrapondo-se a esta epistemologia dominante, ou seja do norte, Santos (2010) apresenta as epistemologias do sul, que engloba toda a gama de conhecimentos produzidos, como evidencia da riqueza da diversidade das culturas do hemisfério sul, que foram oprimidas e algumas dizimadas pela invasão capitalista em suas variadas formas, o que determinou a ausência das culturas e a imposição de uma racionalidade monocultural. O citado autor denomina de sociologia das ausências,

[...] a investigação que tem por objetivo mostrar que o que não existe é, de fato, ativamente produzido como não-existente, ou seja, como uma alternativa não credível ao que existe. O seu objeto empírico é impossível a partir do ponto de vista das ciências sociais convencionais. Trata-se de transformar objetos impossíveis em objetos possíveis, objetos ausentes em objetos presentes. (2010, p. 27)

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



A transformação dos objetos impossíveis em possíveis, dos ausentes em presentes, perpassa pela aceitação de outras formas de organização e visões de mundo, bem como, do reconhecimento da pluralidade que engloba “uma diversidade que inclui modos muito diferentes de ser, pensar e sentir, de conceber o tempo, de olhar o passado e o futuro, de organizar coletivamente a vida, a produção de bens e serviços e o ócio.” (SANTOS, 2010, p. 33)

Desta forma, a ociosidade ribeirinha, vista de maneira pejorativa no discurso eurocêntrico, representa um modo diferente de organizar a vida. Isso se aplica ao tempo que sofre a interferência das marés, as relações sociais e produtivas, aos conhecimentos que são repassados por meio da cultura de conversa e ao imaginário permeado por seres encantados que habitam os rios e a mata. Essas formas diversificadas demonstram que “A cultura é uma construção simbólica própria de cada povo, mas que, apesar disso, é permeável a influências externas que a tornam dinâmica.” (TAVARES, 2014, p. 178). Nesse dinamismo, são construídas e reconstruídas as identidades.

### **Um Mergulho nos Elementos Simbólicos da Cultura e Identidade dos Ribeirinhos da Vila do Açaizal**

Nesta seção falamos sobre a identidade no sentido transindividual, com o olhar para o grupo, a coletividade, pois concordamos com Tavares (2014) ao afirmar que falar de identidade cultural significa estabelecer limites, traços bem característicos de uma cultura, eventualmente encerrada nos seus próprios cânones. Desta maneira, o mergulhar na cultura ribeirinha requer um “despensar”, para pensar segundo outras lógicas e formas de racionalidade.

Segundo Santos (1995), o mundo é um arco-íris cultural repleto de diferentes cores, sua beleza e riqueza está exatamente nesse emaranhado colorido; assim é o mundo, policromático, com gente de todas as cores, raças, línguas, religiões, culturas e identidades. Isso requer a abertura a formas diferentes de pensar, a outras epistemologias, a outros modos de ser e existir que não são semelhantes a cultura hegemônica, há, inclusive, algumas que são antagônicas. Dentre essas diferentes maneiras de ser está a cultura ribeirinha, objeto deste estudo.



De acordo com Loureiro (2001, p. 65), a cultura ribeirinha é a que mais expressa a cultura amazônica, “seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade de seus habitantes”. Criatividade que começa na produção de artefatos que compõem o universo cultural, que são aprendidos pelos mais jovens através da oralidade e estão presentes nas relações sociais, religiosas e econômicas.

Para Woodward (2008, p. 9), “a identidade é marcada por meio de símbolos [...]. Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” Nesse sentido, o fogão a lenha, as casas na beira do rio, os cascos, os catraios, o paneiro<sup>12</sup>, o matapi, a malhadeira e o caniço<sup>13</sup> são marcas que simbolizam o viver dos sujeitos da Vila do Açaizal. Suas identidades são construídas a partir das relações sociais estabelecidas com os símbolos de sua cultura.

Eu tenho dois fogões, o a gás e o a lenha, mas o a gás é só para enfeite (risos), é difícil usar, por causa do preço do gás, então a gente, aqui em casa, usa direto o fogão a lenha para fazer tudo: café, comida, esquentar água para amolecer o açaí. Eu, os meus filhos e o meu marido já estamos acostumados com ele, a comida apronta mais rápido e fica mais gostosa, e a lenha está aí no mato, é só tirar, não precisa comprar. (M. 7)

Na cozinha, existem dois fogões, um como enfeite, o produto industrial, para atender às exigências da sociedade de consumo. O outro, produto cultural, porque nasce a partir da transformação da natureza em cultura. O fogão a lenha é feito através de uma combinação do barro, que é retirado da beira do rio, e da madeira, extraída da mata. O modelo depende da criatividade do seu (sua) autor (a), é um objeto marcante nas residências, em torno dele a conversa se desenrola entre crianças, jovens, adultos e idosos. A fumaça que brota após a queima da madeira ajuda a espantar os maruins<sup>14</sup> durante o dia, e o carapanã<sup>15</sup> à noite, além de esquentar o corpo nos dias e noites de frio.

<sup>12</sup> Instrumento feito de tala utilizado para carregar açaí, farinha, peixe e camarão.

<sup>13</sup> Instrumento feito de bambu e linha de nylon com anzol utilizado para pescar.

<sup>14</sup> Mosquito que se alimenta de sangue humano; a sua picada é dolorida e provoca coceiras e alergias.

<sup>15</sup> Mosquito conhecido em alguns Estados como pernilongo.



Os ribeirinhos, para pescarem o camarão, transformaram uma palmeira chamada buriti em matapi, que passou a ser incorporado às práticas produtivas desenvolvidas pela comunidade. A maneira de pescar o camarão também é cultural. Na vila do Açaizal, os ribeirinhos usam o babaçu, espécie de ração, como isca, que é posto dentro do matapi para atrair a presa. O matapi é colocado na maré seca, e, durante a enchente, o camarão entra na armadilha e não consegue sair. Quando a maré seca novamente, é feita a sua despescagem realizada por adultos e crianças. A prática desta atividade produtiva requer outros instrumentos, como o paneiro, o casco e o remo, que foram transformados em elementos culturais, para serem úteis ao ser humano. O paneiro é o utensílio mais utilizado para carregar açaí, farinha, peixe e camarão.

Aprendi a tecer o paneiro com minha avó, ela me colocava sentada do seu lado e me ensinava a fazer as pregas de acordo com o tipo de paneiro. Há os de pregas jitinhas para colocar farinha e o açaí, de pregas pequenas para o camarão e o peixe, e o de pregas porradas para colocar outras coisas. (M. 10)

O principal produto extraído é o açaí, que serve para saciar a fome e também é uma das fontes de renda dos ribeirinhos; o produto é a base da economia dos que moram na Vila. O período da safra compreende os meses de março a julho. Para a colheita muitos pais levam os filhos mais velhos para ajudá-los, tanto para apanhar como para desbulhar<sup>16</sup>.

Na mesa, o açaí com a farinha de mandioca é o prato principal, acompanhado do peixe, camarão ou charque frito. O produto é consumido praticamente todo dia na época da safra; às vezes, é o único alimento da família.

Segundo Woodward (2008, p. 42), “aquilo que comemos pode dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura da qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias.” O açaí é outro elemento simbólico da Cultura Amazônica, faz parte do cardápio do nortista, seja da cidade ou do campo. Especificamente para os habitantes das áreas rurais-ribeirinhas, é um símbolo de sua identidade cultural. Tomando-o, seja no almoço, no jantar ou no almoço e jantar, a

<sup>16</sup> Retirar o caroço do açaí do cacho.



criança, o jovem, o adulto e o idoso recuperam as energias e as forças gastas no trabalho.

Tomo açaí todo dia, se tiver, bebo de manhã, de tarde e de noite, ele me dá força, sustança, e me deixa aceso pra mariscar, caçar, lancar e, é claro, tirar açaí pra tomar e vender. (M. 11)

O dia que não bebo açaí parece que não enchi a barriga, fico agoniado, parece que não comi nada, é o costume, sabe, e aí vou pro mato vê se tiro pelo menos um cachinho pra beber. (M. 12)

Para apanhar o açaí, as ferramentas elencadas acima são essenciais. Com a peconha<sup>17</sup> o ribeirinho sobe na palmeira, e, para cortar o cacho, usa o terçado. A debulhadeira, que geralmente é uma saca de farroupilha aberta, serve para aparar os caroços de açaí que caem do cacho no ato da debulhação<sup>18</sup> e, em seguida, são colocados no saco.

A transformação da fruta em vinho é realizada de várias formas, entre as quais amassar com as mãos, bater na massadeira elétrica ou na manual. A mais utilizada é a massadeira manual, pois são poucos os que possuem motor a óleo diesel para o funcionamento da elétrica (somente o representante da cada comunidade possui esta tecnologia). No processo da passagem do fruto para o vinho, segundo Barros (2007, p. 106), “os ribeirinhos transformam o açaí (natureza pensada) em cultura ribeirinha (natureza transformada)”. Vários saberes são mobilizados, inicia com a retirada da tinta<sup>19</sup>, para não fazer mal ao estômago. Para isso o açaí é colocado dentro de um pano e socado durante em média por dez minutos. Após a socagem, é derramada água fria no produto para que a tinta possa escorrer.

Em seguida, coloca-se água quente para amolecer a polpa. Agora é só pôr na massadeira (manual ou elétrica) e bater ou amassar com as mãos. Na vila, são poucos os que ainda utilizam alguidares<sup>20</sup> e peneiras<sup>21</sup> para amassá-lo. Quem não tem a massadeira usa a do vizinho mais próximo; como contribuição, deixa uma porção de açaí batido ou em caroço.

<sup>17</sup> Instrumento feito da folha do açazeiro que o ribeirinho coloca nos pés para subir no açazeiro.

<sup>18</sup> Debulhar é o ato de tirar, com as mãos, os caroços do açaí do cacho.

<sup>19</sup> Nove entre dez moradores da Ilha tiram a tinta do açaí antes de batê-lo ou amassá-lo.

<sup>20</sup> Espécie de bacia feito de barro retirado da beira do rio.

<sup>21</sup> Instrumento feito de tala de buriti no qual o açaí é coado.



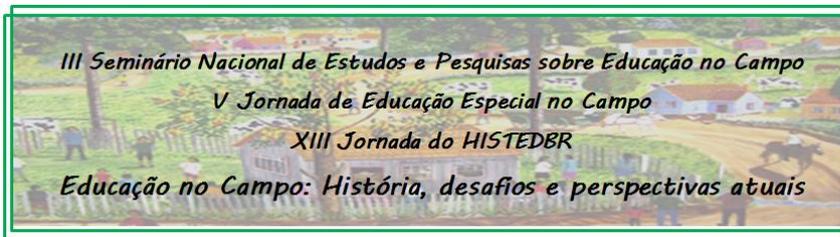
As crianças participam de forma direta, ajudam a socar (meninos) e a amassar (meninas), ou de forma indireta (observam os adultos desenvolverem tais procedimentos). No ato de apanhar o açaí, não há distinção de sexo nem idade; tanto homem como mulheres, crianças, jovens e idosas participam.

Na vila do Açaizal, sendo o açaí o produto gerador de renda, os ribeirinhos praticam o manejo da espécie para preservá-la e ao mesmo tempo aumentar a produção. O manejo é realizado quando se percebe que a palmeira está muito alta e com o tronco fino, o que aumenta o risco de acidente, pois ela poderá quebrar e ferir o apanhador; e quando ela não produz mais cachos, o que ocorre devido à idade. Quanto mais velha é a palmeira, mais alta e fina ela fica e produz menos a cada ano. Em média um pé de açaí vive durante vinte e cinco a trinta anos e produz de cinco a sete cachos por safra. O manejo é feito da seguinte maneira:

Quando fica um açaizal muito fechado, ele não dá produção, fica abafado com muitas árvores na touceira, é preciso que desabafe. Por exemplo: se numa touceira existem seis árvores, você tira as duas mais altas, fica quatro, essas árvores, a tendência delas é crescer, quando elas chegam num porte, elas perdem a consistência de produção, só que as mais baixas, elas tão querendo produzir, aí você tira as mais altas e deixa as mais baixas, aí todo tempo as touceiras têm consistência para arrebentar os filhos, aí você tira as mais altas com cuidado para não quebrar os filhotões e faz o aproveitamento, por isso que o açaí nunca falhou, todo mundo aqui se sustenta dele. Há mais de trinta anos venho fazendo isso. (M. 3)

O manejo realizado pelos ribeirinhos da vila tem como objetivo garantir o crescimento do açaizal. Os pés mais velhos são cortados para que os mais novos possam crescer; dessa forma aumenta a produção, pois quanto mais novo o açazeiro, mais cachos ele produz. O aproveitamento ao qual o Morador Antônio se refere é o palmito extraído das árvores cortadas. Os filhos (“filhotões”) são os pés que estão pequenos, na sombra dos maiores, e necessitam de sol para crescer, o que acontece com o manejo. Os ribeirinhos não fazem roça para evitar derrubar os açazeiros. É mais lucrativo, tanto para o meio ambiente como para a economia da Ilha, manter o açaizal.

A roça é um trabalho dispendioso e menos lucrativo, para plantar cinco tarefas de mandioca, tem que derrubar, roçar e queimar uns dez



hectares de mata, você faz isso, já prejudicou a mata, tem um enorme trabalho para fazer o roçado, as despesas são muitas, aí você vai plantar e esperar seis meses para aquela mandioca amadurecer, vai colher a mandioca, vai fazer a farinha, que é um trabalho sacrificante, se for colocar no bico do lápis, você não vai tirar a metade do que gastou, além de tudo a mata já ficou nua, então não é conveniente. Aqui ninguém faz roça, ninguém derruba açazeiro para plantar nada. (M. 6)

A preocupação com a preservação ambiental garante a sobrevivência das famílias que dependem da natureza. A mata não pode ficar “nua”; se isso acontecer, ela ficará sem vida, estéril e não alimentará. Com a renda obtida na venda do açaí, são comprados, em Macapá, a farinha e outros produtos da cesta básica e também os necessários para o dia a dia e para a saúde da família.

As derrubadas são feitas somente para plantar açaí, prática comum na Ilha. Desta forma, o açazal nativo convive com o plantado pelo homem.

Se o açaí for plantado, a sua natureza já nasce e cresce transformada pela cultura do ribeirinho, porque antes mesmo de nascer o açaí foi plantado por ele e depois também será colhido pelo ribeirinho, se transformando em “natureza-cultura”, objeto de satisfação da necessidade humana (BARROS, 2007, p. 106).

Neste caso, a natureza é modificada, para atender às necessidades do ser humano. As paisagens naturais dão lugar à “natureza-cultura” criada e recriada pelos sujeitos do lugar.

O significado que esses instrumentos (paneiro, remo, casco, matapi, malhadeira, caniço, catraia, casas, fogão a lenha) simbólicos possuem, é tecido no interior de uma cultura pelos sujeitos que a criam e recriam. E só podem ser interpretados dentro e a partir deste contexto. Nesse sentido, afirma Geertz (1978, p. 15) que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

A este respeito, segundo Brandão (2007c, p. 24), “o que importa é a nossa capacidade e também a nossa fatalidade de atribuímos significados múltiplos e transformáveis ao que fazemos, ao que criamos, aos modos sociais pelos quais fazemos e criamos”. Quem faz, cria e atribui significados são os homens e mulheres, através do



trabalho, da intervenção consciente na natureza com o intuito de transformá-la de acordo com as suas necessidades. Ao transformar a natureza, transformam a si próprios.

Aprendi com meu pai e minha mãe, e já ensinei meus filhos e agora estou ensinando meus netos a tecer o paneiro e o matapi, a fazer o manejo do açaí, a escolher a melhor madeira, na mata, para fazer o casco e o remo. São coisas que eles precisam saber para viver aqui, para poder comer e beber tem que saber como fazer e usar tudo isso. (M. 9)

O ribeirão transforma o buritizeiro, produto da natureza, em paneiro e matapi; o açaizeiro em madeira para empregar e assoalhar as casas, bem como extrai dele o fruto e o palmito para o alimento; o bambu em canoço; diversas árvores são transformadas em cascos, remos e outras embarcações; o barro é transformado em fogão movido a lenha. Estes são alguns exemplos da construção dos elementos simbólicos do repertório da cultura ribeirinha, e, para perceber os seus significados, “é necessário conhecer a cultura que os criou” (LARAIA, 2009, p. 56).

A partir do mergulho neste universo cultural, podemos compreender as visões de mundo que permeiam a vida e o imaginário desses sujeitos, e assim, desconstruir visões eurocêntricas que as desqualificam e as engendram como atrasadas e primitivas.

### **Considerações Finais**

A pesquisa evidenciou que a cultura e identidade são marcadas pela produção e reprodução dos elementos simbólicos que fazem parte do contexto social, cultural, religioso e econômico dos ribeirinhos da vila do Açaizal, esses elementos são apreendidos e transmitidos por meio da linguagem oral, não há um tempo, nem local específico para aprendizagem, os educadores são os mais velhos que ensinam as crianças, jovens e adultos.

Aprende-se a tecer a malhadeira e o matapi, observando os mais velhos a desenvolverem tais atividades e posteriormente praticando, assim como o casco, fogão a lenha, paneiro, alguidar, peneira, peconha e outros, bem como a utilização desses elementos nas atividades produtivas.



O espaço para a socialização dos elementos simbólicos é a natureza onde vivem, convivem e sobrevivem os ribeirinhos. A preservação do meio ambiente garante a sobrevivência das famílias que dependem dele, para isso a presença, no imaginário, dos seres míticos exerce influência decisiva no comportamento dos ribeirinhos, a mãe d'água protege as fontes de água, os peixes e demais seres vivos dos rios; os seres encantados da mata protegem as florestas e os animais que nela habitam.

O tempo é definido pelos elementos da natureza principalmente as águas, e não está diretamente relacionado com a produção para a mercantilização, motivo pelo qual o ribeirinho é estigmatizado pelos que os julgam a partir do olhar da cultura hegemônica.

Esses saberes na perspectiva eurocêntrica, são marginais, periféricos não dotados de uma racionalidade, não tem valor estético, é um discurso não dotado de verdade, de razão e sentido. No entanto, partimos do princípio de que não há uma racionalidade, mas racionalidades, não há uma única lógica, mas diversas lógicas que se construíram a partir de processos históricos, modos de existência e realidades geopolíticas diferentes e que conferem sentido à existência concreta dos povos. (TAVARES, 2014)

Os conhecimentos que fazem parte da cultura e da identidade ribeirinha, devem ser concebidos como outras formas de interpretar a realidade e ler o mundo que não vai contra a hegemônica, ao contrário, traz explicações que a ciências não consegue encontrar. Estas reflexões precisam provocar um repensar em relação ao conhecimento científico em toda a sua diversidade, a partir das possíveis relações com outros saberes não científicos que orientam a vida cotidiana das pessoas.

## Referencias

BARROS, Oscar Ferreira. Classes multisseriadas em escola rural ribeirinha: a práxis pedagógica de uma educadora. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (Org.). **Cadernos de atividades pedagógicas em educação popular**. n. 1. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Acultura do povo e a educação popular: sete canções de militância pedagógica. In: \_\_\_\_\_. **A questão política da educação popular**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

\_\_\_\_\_. **A educação como cultura**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. Currículos e saberes: caminhos para uma educação do campo multicultural na Amazônia. In: HAJE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gutemberg, 2005.

ESTERMANN, Josef. **Si el Sur fuera el Norte**: Chakanas interculturales entre Andes y Occidente. La Paz: ISE, 2008.

FARES, Josebel Akel. Cartografia poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: CCESE-UEPA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cartografias marajoaras**: cultura, oralidade, comunicação. 2003. 200 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.  
LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 23. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém-Pará: CCSE-UEPA, 2004.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Reconhecer para libertar**: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural, Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política. Porto: Afrontamento, 2010.

TAVARES, Manuel. **Cultura e educação**: a retórica do multiculturalismo e a ilusão do interculturalismo. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 11, n. 25, 2014. Disponível em <  
<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/649/505>>. Acesso: 01/11/2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.